PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 21
ANO 2
DEZEMBRO/2020

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Não é de hoje a exigência pelo engajamento político na arte. Na virada do século XX, o maior escritor brasileiro teve muita paciência com o histrionismo de Silvio Romero que era um azougue na mídia. O jornalista e crítico literário encheu a paciência de Machado de Assis, acusando-o abertamente de abstenção quanto à política republicana que era retratada nos contos e romances com desconfiança, mordacidade e ceticismo. O Bruxo do Cosme Velho ignorou. Foi o melhor que podia fazer. Sabia que não é o escritor que precisa se posicionar politicamente através da literatura. Do alto de sua perspicácia, entendia que essa tarefa é dos leitores que se sucederão no tempo a imprimir múltiplos significados à mesma obra, variando de acordo com a própria realidade.

Desconfio que Machado não teria a mesma sorte hoje em dia. Parece que Silvio Romero se multiplicou em inumeráveis patrulhas Para os fiscais da arte, o escritor precisa se posicionar de forma engajada. Deve "condenar" ou "absolver" determinado personagem pelo que "ele representa" na estrutura da narrativa. O escritor precisa, enfim, subir na caixinha de madeira para fazer do texto um palanque. Até mesmo Shakespeare, coitado, já foi pichado nas cátedras universitárias por não ter promovido uma crítica aberta ao absolutismo elizabetano, por não ter condenado o racismo, a misoginia e todos os demais preconceitos que assombram a humanidade. No último grito dos estudos culturais, o dramaturgo inglês seria o embaixador da elite burguesa.

Flaubert é machista. Tolstói idem. Machado não foge à regra. Criaram personagens femininas retratadas como traidoras. Quem pode esquecer o olhar oblíquo de Capitu? Bernardo Guimarães foi processado, julgado e condenado em tribunais ideológicos por ter escrito sobre uma escrava branca. Castro Alves romantizava a escravidão. Gonçalves Dias promovia patriotadas hiperbólicas em sua poesia. Euclides da Cunha sofreu uma esculhambação por ser racista, mesmo dizendo que o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Já Monteiro Lobato fez uma referência condenável à Tia Nastácia e pagou o pato por causa do Jeca. Nabokov foi acusado de instigação à pedofilia por não ter condenado expressamente a paixão do velho escritor por Lolita. Hemingway responde à denúncia de ser misógino.

Imaginem um personagem como Raskólnikov de Dostoievski. O sujeito era ganancioso e matou uma velhinha indefesa para furtar-lhe as joias. Ponto final. O russo merece ser reprochado em público pela crítica. Não deixou claro a condenação moral do personagem, fazendo os leitores amarem o assassino e suas angústias. A traidora Luísa faz de Eça de Queirós um incorrigível misógino. A um só tempo, esculacha a imagem de duas mulheres. Enquanto temos um modelo de marido, bem apanhado, funcionário zeloso, homem alheio à vida noturna e dissoluta, pensa numa frívola mulher loira que se entrega à própria fraqueza e outra, uma megera em pessoa, empregada sem qualquer escrúpulo que faz chantagens horríveis.

O que Eça quer nos dizer? Ora, está claro! O homem é sempre enganado por mulheres caprichosas que se merecem em sua torpeza feminina. O que mais poderia ser? Machado vai no mesmo prumo. A mulher não merece crédito e atormenta o marido honesto com seus trejeitos maliciosos. Bovary e Karenina são duas traidoras que cederam à fraqueza inerente ao caráter feminino e meteram um chifre nos maridos sisudos e trabalhadores. Até Jorge Amado criou uma traição *post mortem*! Dona Flor não aguenta a bonomia do honesto Teodoro e mete um chifre no marido correto com a alma penada do ex-marido, jogador, alcoólatra e mulherengo.

Julgar a obra pelo viés ideológico da época é a escola de pensamento que Silvio Romero nos legou. Exigindo engajamento político, bateu em Machado de Assis que escreveu Esaú e Jacó que ironizava a polarização radical dos inimigos que não se tocavam sobre a própria proximidade. Foi essa mirada de incredulidade, de desconfiança, de pessimismo e, sobretudo, de distanciamento que fez de Machado de Assis o que é e sempre será Machado de Assis. Provou-se que a suposta abstenção machadiana não era um "isentão". A ambiguidade humana, trabalhada por ele com fina ironia, nos ensina três lições: literatura pode contemplar todos os temas, mas será tanto mais longeva quanto enfrente os sentimentos humanos descolados de rótulos ocasionais; o escritor só sobreviverá ao tempo se tiver generosidade de deixar a interpretação aos leitores; críticos são importantes, mas a literatura de qualidade sobrevive a todos eles.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 André Siqueira
12 Caio Augusto Leite
14 Clark Mangabeira
16 Dante Gatto
18 Divanize Carbonieri
20 Eduardo Mahon
22 Expedito Eloísio Ximenes
24 Gabriel de Mattos
26 Isa Souza
28 Janet Zimmermann
30 Jeovânia Pinheiro
32 João Bosquo Cartola
34 Lucas Lemos
36 Lucinda Persona
40 **Dora Robalo**
42 Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
44 Marcelo Labes
46 Mário Cezar Silva Leite
48 Marli Walker
50 Marta Cocco
52 Matheus Guménin Barreto
54 Odair de Morais
56 Stéfanie Sande
60 Sylvia Cesco
62 Thiago Costa
66 Walesca Cassundé
68 Wuldson Marcelo
74 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Dora Robalo
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Expedito Eloísio Ximenes, Gabriel de Mattos, Isa Souza, Janet Zimmermann, Jeovânia Pinheiro, João Bosquo Cartola, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Mário Cezar Silva Leite, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Odair de Morais, Olga Maria Castrillon-Mendes, Stefanie Sande, Sylvia Cesco, Thiago Costa, Walesca Cassundé, Wuldson Marcelo
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora e pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT; Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso www.unemat.br/editora, 2017 e Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020).

IMAGEM E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Por que a imagem de determinada cartografia cultural se torna tão fecunda e permanente? As narrativas da tradição literária da viagem *inventaram* espaços pelos movimentos humanos. Circulando por entre terras e mares, viajantes exploraram, ocuparam, delimitaram as fronteiras, construíram mapas e relatos, muitos dos quais deram origem a textos de ficção. Em Mato Grosso, esses textos imprimiram projetos de época em que a ideia de "sertão" era necessária para caracterizar um espaço desconhecido do próprio brasileiro. Como projeto político, era bom que assim fosse. Dividir o Brasil em duas fatias litoral/interior foi atitude facilitadora da interiorização.

Esse mundo centrou-se nas utopias. Sair/conquistar/regressar, ou permanecer em grandes porções de terra, fortalecendo o processo colonial. As migrações, a partir da segunda metade do século XX, fizeram contornos diferenciados com base na agricultura e no agro negócio extensivo. Não mais relatos centralizadores, mas cultura múltipla com forte acento na oralidade, portanto, sincrética. Geraram marcas localizadas, permanentes ou sazonais. Por um lado, fruto do projeto romântico, de fundo profético-didático, das primeiras décadas do século XX; por outro, decorrente de valores espirituais e memorialista que transferiram legados que traduzem – muitas vezes, traindo – a cultura.

Seguindo chamados para o distante e desconhecido, os descobridores eram motivados por canções acalentadoras da ideia de enriquecimento, aquisição de terras, de fama, ou de títulos de nobreza. Adentrar a *barbárie* de um mundo distante e estranho, em detrimento da *civilização* deixada para trás, construiu o imaginário propício ao projeto de ocupação. Ignorar a tese da grandiosidade (e superioridade) dos trópicos, registrada por Humboldt, foi uma decisão política que configurou os mapas como hoje são conhecidos. Por esse imaginário encantador, no século XVIII, Mato Grosso foi inventado, tornando-se, assim, plural e diverso.

Que cultura é essa que *cultiva* (ou apaga) as manifestações de um povo? No incômodo lugar de observadores sociais, tanto os viajantes de ontem, como os de hoje constroem novos olhares, desnudam os preconceitos, dando ou retirando a voz das personagens historicamente caladas. São espaços para reflexão que nos mantém ligados às dúvidas da travessia, refazendo o viver e soltando a voz nas estradas.

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

ERA UMA VEZ UM GRAFITI

Era uma vez um grafiti
Pintado numa parede,
Bem na curva de uma rua.
Parecia um Dom Quixote sonhando com novos moinhos

Infelizmente sentado num cavalo-bicicleta
Pintado numa parede, bem na curva de uma rua.
Não podia passear
Como pode um cavaleiro andante
Não andar nem cavalgar?

Do outro lado da rua
Uma donzela moderna
Com quase 2 metros de perna
Também vivia parada
Do alto de alguma sacada

Bem vizinho do campinho
Onde a bola corria solta
Um sacizinho-grafiti assistia, chutava e torcia
Infelizmente pregado
Num tapume abandonado.

Porém o sol que ilumina
Dormiu na curva da esquina
E a lua surgiu lá em cima
Um brilho de prata e neblina
Era uma neblina mágica
Que dava vida aos desenhos!
E a história triste e trágica
Daquelas pinturas paradas
Virou outra mais animada

Dom Quixote das latinhas
Se despegou da parede
E foi com a bicicletinha
Pedalando pelas ruas

A cada sinal fechado
Vermelho sobre as esquinas
O cavaleiro de bike
Se pendurava e sorria
- Não tem pão e não tem vinho,
Mas isto é pior que moinho!

E a donzela esquisitona
Deixou a sua janelinha
Caprichou na maquiagem
E na luz das lamparinas
Se enfeitou nas esquinas

O sacizinho deu pulos.
Chutou, correu e marcou
Dois gols no primeiro tempo
E assim o tempo passou.

A lua foi-se sumindo
E ainda deu um bem-vindo
Ao sol que vinha chegando
À mão da lua beijando.

E a cidade que acordava
Não estava entendendo nada
Como os desenhos de antes
Estavam em outros lugares

Que cavaleiros andantes
Que donzelas modernosas
Que sacizinhos arteiros
Não eram mais como antes

E assim é o mundo do sonho
Do imaginário e da arte
Pondo vida em toda parte
Fazendo do mundo uma arte

São os carros que se mexem?
Os pedestres que desviam?
Ou é o cão desenhado
Que se moveu no grafite?

Repare agora nas ruas
(à luz do sol ou das luas)
Como está vivo o grafiti
Se você sonhar permite.

DESERTO

concentraste no púbis quente
o vento rombudo advindo da
treva ensolarada e vésper
sobre a inquietude da escrita parida

CHUVA E SOL

Chuva e Sol juntos em mormaço afetivo;
Ficam os pingos de leveza mais claros.
Minha paz declaro à linha do universo;
É isso que levanta meu Amor.
Quem dera que tudo fosse claro como os
Pingos dessa tarde utópica.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre A Paixão segundo G.H., de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura e Alagunas É autor dos livros Samba no escuro (Scortecci, 2013), A repetição dos pães (7Letras, 2017) e Terra trêmula (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital Ruído Manifesto.

Primeiramente confesso. E fica confessado. Isso. Eu confesso. Pois a pergunta não é quem, mas como. Todos os crimes parecem querer ocultar seus autores. Sabemos sempre de antemão o que se roubou ou quem foi morto. E procura-se, pista por pista, o rosto do facínora. Impressões digitais, testemunhas, retrato falado. De fragmento em fragmento responde-se ao enigma. Mas se digo apenas: fui eu. Fica-se com a impressão de um vazio. Todos olhariam e não entenderiam. Pois ainda não fiz. Mas farei. Pois sei que não poderei passar a vida sem uma culpa por confessar. Pois é tão mais fácil dizer que sim quando não se sabe para o quê. Se eu soubesse que tinha roubado, matado ou ferido alguém, então nunca mais poderia dizer, teria que alguém dizer por mim e apontando o indicador me acusar: foi ele. Meu rosto se crestaria e cairia a minha vaidade e o meu sonso sorriso: por trás de toda ficção que eu armara como forma de viver, viria o rosto em carne viva, o sangue, os músculos, o osso. Um rosto como o fora antes do surgimento do Império Romano e da escrita cuneiforme. Arrancado à força o meu semblante rasgaria como rasga uma figurinha num álbum da Copa de 1998. O rosto de Zidane repartido, o pedaço que fica é então retirado com a unha, nunca mais saberíamos o que representava aquela imagem: o estilhaçar da forma. Melhor mesmo é se confessar antes, como quem tira uma máscara antes do fim dos festejos de Carnaval e fica no meio do bloco com a cara exposta sem que ninguém reparasse, acabada a festa, quando todos tornassem e se mascarar de cotidiano, então veriam que o rosto em carne viva não era um disfarce, o rosto era uma forma de comunicação. Vendo um rosto que não fosse um projeto de vida seria possível ver finalmente o momento que é agora e que não mais atua. O radicalmente atual é a vida que só se me prometia. E que no ser superior era situação inapelável. Por isso confesso. Para que quando tivesse que confessar não me escurecesse na mais pálida sombra de mim: para que eu não inventasse outro álibi que seria só o motivo do álibi seguinte. De álibi em álibi eu teria que fugir, como se foge de uma loucura inerente. Então por não suportar a ideia da fuga, para não sofrer nunca mais a perda desse algo que ainda será e que me delimitará num nome que poderia ser tanto de criminoso como de herói, na destituição desse nome ainda não dado, retirando a culpa antes de pecar é que confesso. Assim me livro do medo de uma loucura, de um crime, de um ato honroso digno de medalhas. Pois se eu continuar sendo um homem, ai de mim, como será quando terei que – sem escapar-me – precisar me renunciar? Mas se disse que confesso e nada me acontece é porque me cobram mais do que uma ideia, mas também um ato. Como me provar? Se ainda não experimentei do vil e não conheci da glória. É como estar morto sem ter morrido, posso ainda caminhar e exercitar meu sonho de liberdade. De nada me vale então a morte, se sofro e sonho. De nada me vale confessar se ainda não posso ser preso ou elevado a santo. Então não posso dizer a resposta antes da charada? Eu que sempre odiei esperar a conclusão da frase, eu que já lera todo o livro de "o que é o que é?" e decorara as fórmulas e me inquietava quando diziam "o que cai em pé e corre..." e eu dizia "Chuva" e olhavam para mim com olhar zangado: você nem me deixa terminar, caramba. Então me tornava tímido e mais tímido. Como agora que confesso e ninguém ouve. Então mais me endureço dentro de mim, e menos respondo quando sei, e menos levanto a mão quando perguntam em sala de aula o nome da capital do Nepal, ou quando na rua dizem que Grande Sertão: veredas é do Graciliano Ramos e eu nem ouso corrigir. Sinto, enquanto ouço os sinos da igreja, o silêncio que se alastra dentro do meu corpo feito mancha de água brotando do chão: úmida, úmida, umedecendo de bolor o corpo todo. Não como uma humildade de mártir, mas como uma mudez progressiva avessa ao falar da criança, até que restem apenas frases desconexas, palavras estranhas, sílabas quebradas, gritos, ganidos e choro. Até que reste o crime santo ou a magnanimidade maldita. Ambas inconfessáveis. Até que sobre o silêncio que é a expressão maior do ser. Até que venha a morte como um contorno que se faz sobre tal figura num livro e se encerra o desenho. E por mais que me pintem de azul ou amarelo, o que sou não mais será. E o que fui não mais se altera. Enquanto me emolduram no chão, o não viver me atualiza, como o acordar prova o sonho, como o acabar de um homem confessa sua vida.

TATUAGEM

A dúvida era simples, quase simplória: fazer ou não. Havia prós e contras, ambos os lados defendendo a posição com austeridade militar, limitando-se, contudo, a ressoar obviedades: como será quando ficar velha? Você vai se arrepender! O corpo é seu, faça o que quiser! O que importa isso tudo?

A menina saiu certa. Os pais, mesmo dizendo que não se importavam, fingiam a posição, realmente não se importando... Maria desceu as escadas decidindo o local da tatuagem. Em cima do braço, comum demais; na panturrilha, cafona; no abdômen, dolorido. Enfim, decidiu-se. Era um local diferente, inusitado, não tão óbvio. Feliz, abriu a porta que dava para a rua.

A certeza da decisão trouxe uma paz justa. Havia uma felicidade cor vermelho-terra, agridoce, na falta de dúvida. Descia pela garganta com o gosto de terra molhada. Chovia fino. Maria acelerou o passo, temendo o arrependimento. Não da tatuagem, isso estava definido. Temia o arrependimento da felicidade. Ser feliz causa estrago, incomoda os outros. Dá trabalho, ser feliz. É um investimento constante, uma doação a si mesma que deixava todo mundo com olhar de lobo, prateado, pronto para o abate. Maria, temendo o pior, distraiu-se com a camada de vapor que saía da terra marcada pela chuva. Marcas. Era isso que inventava a felicidade.

Chegou à porta do estranho que a aguardava. Ele sorriu de volta. Marcado, estava pronto para marcá-la também. Valia a pena guardar o agridoce na boca, o cheiro de terra molhada. Percebeu-se mais certa da decisão. Mais feliz. Mais invejada. O moço preparou com calma o ato, um pouco sádico, sabendo a dor que iria causar. Ser feliz dói. Maria curvou-se: veio a primeira picada. Ela lacrimejou, mas sorriu por dentro.

Lembrou-se da chuva lá fora e os lobos foram embora.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

MATEMÁTICA

Parecia-lhe inacessível o universo dos números. Arrastara os anos pré-universitários com um desempenho bem abaixo do que apresentava em outras áreas. Aquilo incomodava sua autoestima muito mais do que seria aceitável a uma pessoa, digamos assim, psicologicamente saudável. Tinha clareza que para o resto da vida poderia sobreviver academicamente sem a matemática a ferir seu orgulho profissional, mas não se dava por vencida.

Foi numa tarde de sexta-feira em que quase dormia sobre um manual pré-vestibular, esfacelando-se em equações que pareciam ter infinitas incógnitas, na biblioteca pública, escondida atrás de uma prateleira, anexa ao tampão da mesa, que ouviu aquele poema. Bem, temos de voltar um pouco nos acontecimentos.

O fato é que a jovem vestibulanda não só conhecia o referido poema, como a voz por detrás dele. Fora seduzida em circunstância similar e se via solapada naquele momento pela inapropriada e indigesta repetição em que não ela era a musa do eu-lírico. Num vertiginoso relance adivinhou tudo. A cabeça caiu sobre o livro e sonhou desaparecer no ladrilho branco da sala ou ainda, melhor, nos números. Lá estava a equação sob seus olhos molhados e a incógnita ela matou num rápido desfecho. Humilhada, não quis saber quem era a outra; confortável, na medida do possível, em seu improvisado esconderijo.

Caiu um silêncio pesado no recinto. Permaneceu imóvel, examinando as equações e resolveu mais algumas com inédita facilidade. O choque, afinal, teve efeito extraordinário.

Teve de ser convidada para se retirar por conta do fechamento do local. Caminhou para casa com uma leveza estranha, porque sentia os números pendurados nela. O namorado poeta e traidor a esperava na calçada. Ela reclamou cansaço. Fria ou indiferente? Precisava estudar e foi exatamente o que fez para que os números se desgrudassem dela.

Foram mais três encontros do casal, ambos forçados por ele, para que percebesse que a paixão dela havia cedido a outros interesses. Quis explicações, escreveu outros poemas, exagerou na bebida fazendo alardes públicos, levantou impropério aos deuses, mas desistiu, por fim, quando percebeu que era fria e matematicamente ignorado.

Ela passou no exame vestibular muito bem classificada, mas o curioso é que fez uma opção inesperada até para si mesma. Desistira das humanas para abraçar as exatas. Fora a traição do poema, combinada ao acolhimento e assédio dos números? Ria por dentro da situação sem nunca ter tido coragem de confessar a ninguém a manobra do destino. Mas a fatalidade não parou por aí.

O ressentimento dela pelas palavras foi cedendo ao mesmo tempo em que fincara pé na matemática. Fizera-se professora: mestrado, doutorado, conferências, prestígio. Era boa, também, na atividade de ensinar, apesar de um tanto quanto rigorosa e até ríspida. Foi aprendendo, com a prática, que nem sempre a pressão psicológica e moral era boa didática.

Já estabelecida profissionalmente, cedeu enfim à paixão de um conhecido dos tempos de colégio, apesar da amizade dele com o poeta que distribuía os mesmos versos a distintas namoradas. A situação se acomodou mesmo, porque não havia mais proximidade entre eles.

Casaram-se. Sem que ela nunca tivesse dado por si, entendeu com o matrimônio o quanto foi longa e dolorosa a superação da primeira paixão frustrada, mas finalmente estava morta e sepultada, juntamente com o infame traidor.

Foi durante uma festa junina, entre sorrisos e rojões, em que as crianças brincavam na rua fechada para o evento que a conversa do casal chegou à biblioteca pública, naqueles anos não muito dourados do colégio, em que ela sofria com os números. Ouviu então, atônita, do marido que ele pedira conselho ao namorado dela, daquela época, aquele poeta, o método de sedução que a enfeitiçara e o vate declamou-lhe, na biblioteca vazia, um poema que ele ainda lembrava estrofes e versos.

Ela também.

Dante Gatto

Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: Metodologia da Pesquisa (2017).

acerolas rubras
cobrem maduras o chão
rolinhas entre bolinhas

mangueiras repletas
pejadas mesmo na seca
raízes plenas de água

revoada de araras
voo rasante sobre o sítio
gritos rascantes: susto

libélula esbelta
beleza esperta na brisa
soberba sobre mim

Divanize Carbonieri
é doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (no prelo) e *Furagem* (no prelo), além da coletânea de contos *Passagem estreita* (2019).

DESBRAVADOR

À M. Mourivaldo

Para que perder-se em caminhos virgens
E sair do lar sem destino certo?
Não haverá ninguém esperando de braços abertos
Com a mesa posta e a roupa lavada
Nem quem arrume as camas, dobre os lençóis
Faça o café, sirva a omelete e sorria de manhã

Seja lá onde for que se queira pisar pela primeira vez
Na mudez do desconhecido, será um deserto de gente
E então, após o gozo dos descobridores de terras novas,
Você saberá que foi longe demais por ter ido sozinho
Saberá que bandeiras não tremulam sem o vento da pátria
Saberá, ainda, que o seu lar está nos abraços dos amigos
Nos beijos das amantes, no cheiro do pão fresco
Que faz da esquina da sua antiga rua um solo sagrado

À noite, nos seus exílios visionários de vanguarda,
Sob estrelas que não testemunham seus feitos inéditos
Você há de lembrar da sua casa e querer voltar
Com notícias de espanto e orgulho de sobrevivente
Vai querer segredar as conquistas aos parceiros de copo
Amar a mulher que ainda usa o mesmo perfume
Beijar os seus filhos que, já crescidos, não correm pela casa
E proclamar a todos do seu condomínio que voltou diferente

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

VIDA EM TRANSE

Não me peça da vida a verdade,
Porque sei que ela não existe.
Não me peça a lucidez racional,
Enquanto o coração andar ferido.
Não me exigia o rosto alegre fingido
Quando tenho que ficar triste.
A vida parece mais uma tempestade,
Um rio comendo todos os limites
Do que um conceito bem definido.
A vida é antes um rebanho no cio
Um calor que tosta a superfície da pele
Ou um adormecer dos órgãos pelo frio.
Não me peça da vida o que ela não tem
Não me imponha a verdade que lhe convém.
A vida é antes de tudo um sopro rasteiro
Um galho de bambu balançando ao vento
Uma vespa devorando um formigueiro
Tudo cumprindo apenas o seu tempo.
Um crustáceo fazendo morada na lama
O fogo lambendo em lascívia chama
O que na terra foi guardado em segredo.
O ente que faz da calçada sua morada
Porque perdeu o percurso de seu enredo
E não traz nos olhos a cobiça de mais nada
A vida é o que espera em sua dor o amanhecer,
E a certeza única de que tudo deixa de ser.

Expedito Eloísio Ximenes
É mestre e doutor em Linguística e pós-doutor em Filologia Portuguesa e professor da UECE. Edita textos do período colonial e elementos linguísticos e históricos do Ceará Fundou e escreve poemas, tendo publicado dois livros de poesias.

Gabriel Mattos
É escritor (com tudo que isso implica), desenhista (com tudo que isso implica) e professor universitário (sem maiores implicações). Praia foi classificado no Prêmio Cecílio Barros Pessoa de Poesia 2012, promovido pela Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências, de Arraial do Cabo/RJ, cidade que tem praias.

PRAIA

Não era pra ser assim...
mas porque todo dia
acorda sempre lindo
porque todo mundo
é sempre tão bonito
porque o coração
se mostra tão aberto.
Nem me lembro
do pai distante
confiante
da mãe calada
preocupada.
Pra que horizontes
tão abertos?

Dá medo sim,
mas é uma missão,
é só passar a
tremedeira
o nervoso o calor
e eu vou pregar
conversar com
todos
sobre a Sua palavra.
(o livro sagrado
queima
debaixo do braço)

Meu corpão é
(Olhem! Olhem!)
lindo
sarado
corado tratado
bronzeado
turbinado
pres tem
mui ta
aten ção

chá limonada cocacola
bronzeador
(camisinha colorida)
salgadinho de isopor
pipa pandorga
ou papagaio
(viagra paraguaio)
garantido!
E tudo mais que
passar da conta
e conseguir carregar
nestes ombros
de shopping popular

Amanhã
eu procuro
trabalho
ou emprego.
Por ora basta
só o sol
e minha
semprieterta
confiança
só até
Amanhã

bola pra lá
bola pra cá
gritos risos
o campeão imaginado
outra vez
perigo de ponto
bolada machucante
(olha a gatinha
gostando)
bola pra cá
bola pra lá

Cansado
andar e só olhar
ali naquela linha
onde a areia é dura
onde o limite
é aberto,
mas nada, nenhuma delas
olha o caminhante
magro suado triste
compenetrado

Olhar a linha
calibrar o molinete
esperar esperar
afinal eles é que mandam
eles, os peixes.
(mas agora já vem com
a cadeira desdobrável
e o balde de cerveja
esperar...)

Ondas Ondas Ondas Ondas Ondas Ondas Ondas
Sal Saco plástico Dois hidrogênio mais oxigênio Xixi Sal Algo de alga
Protetor solar Peixe Óleo lubrificante de barco Embalagem de suco natural Sal
Nadador exibido Menino provando – Água ruim, mamãe! Prancha procurando onda
Barco perdido colorido Reflexos indefinidos A Europa do outro lado bem ali a África

POEMA SEM LUGAR

Eu sou de um lugar que não mais existe
Onde nasci, sequer fiquei
Onde cresci, os terrenos cheios de verde e vida foram aos
poucos sendo substituídos por concretos e tristezas
Histórias foram construídas onde antes o vento passava
leve e os pés de mamona cresciam selvagemente
Eram aquelas as mesmas mamonas que
brincávamos em guerras imprudentes
A rua, de chão batido e que nos deixava da cor da terra, foi aos
poucos dando lugar a uma outra tonalidade acinzentada
Chamavam aquilo de progresso, mas lembro de ser apenas asfalto quente
e duro, que ralava nossos joelhos e trazia o vermelho-sangue à tona
Eu sou de um lugar que não mais existe
Tudo foi sendo aos poucos substituído
Da memória que busco vez em quando, nada sobrou
Saudade é um naco de apagamento: nada do que se
lamenta ter passado existe em outra dimensão
Tiraram as árvores
Tiraram a terra
E, a cada retirar, o sangue também foi dando lugar ao nada
Eu sou de um lugar que não mais existe
E esse lugar é agora

Isa Sousa
É formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É pós-graduada em Fotografia: Memória, Imagem e Comunicação, pela Universidade Cândido Mendes (Ucam), no Rio de Janeiro. Foi professora e curadora de fotografia no projeto social "Poesia Necessária", em Cuiabá, ao lado de Antônio Sodré. A poesia sempre esteve presente em sua vida, apesar da timidez em mostrar seu trabalho ao público. Recentemente descobriu outras habilidades artísticas, com a cerâmica e a aquarela e, com isso, é a cabeça e o coração - além das mãos - do Ateliê Generosa Criativa. Com a fotografia, já participou da exposição "Híbridos", no Festival Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, o FotoRio, e foi publicada na revista francesa "Photographe", com sua série "Retratos de uma obsessão: Paris", um passeio em preto e branco pela Cidade Luz.

DA META DE EDUARDO, MINHA METADE POETA

"Se meta
amor fosse
Amar a fase
Amor à meta."
(Eduardo Mahon)

Se a meta
da outra metade
fosse metade
da meta de Pã,
a natura
metamorfosear-se-ia
em paz
na quase paz
santa.

E tudo seria
quase fim
da meta
da planta.

E tudo quase seria
o fim da meta
da metade fina
que canta puro
aonde quer
que se vá.

E tudo do pó
renasceria
quase purpurina.
Quase, Jó.

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe/RS e residente em Campo Grande/MS.Tem, publicados, três livros de poemas: 'Asas de jiz' (Life Editora); 'Pétalas Secretas' (Editora Patuá) – vencedor do Prêmio Guavira de Literatura/Poesia/2017; e 'três / poetas / uma / via / : / aldravia' (Life Editora), em parceria com os poetas Paulo Robson de Souza e Sylvia Cesco. Participou de sete antologias brasileiras, sendo que a última, "A Glória desta Morena" (Life Editora), lançada em 25/08/2020, é uma coletânea de contos organizada pela escritora Sylvia Cesco em homenagem à memória da grande Maria da Glória Sá Rosa. Tem poemas publicados em: "Mallarmargens", "Amaité", "Recanto das Letras", "Pensador", "Confraria do Baixo Belô", "Isso é MS" e colabora com as revistas "Pixé" e "Piúna"/UBE/MS. Está em "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira", projeto do poeta Rubens Jardim, e nas listas "Poetas do Rio Grande do Sul" e "Poetas de Mato Grosso do Sul" no portal de Poesia Ibero-Americana Antonio Miranda. Administra o blogue literário 'Polyantho' e, além de escrever vários livros, faz trabalhos de revisão e formatação de textos literários. É filiada à União Brasileira dos Escritores de Mato Grosso do Sul.

RESISTÊNCIA I

Viver é um processo de resistência
Não é só sobreviver feito gado

Viver desbravadoramente por aí
Livre de amarras
E cabrestos

Livre
No pensamento
Na ação
Na alma

Viver é uma resistência constante
Dia após dia

VIVER

Viver
Simplesmente
Viver

Não seguindo o trajeto
Nascer
Crescer
Plantar
Colher
Morrer

Nem as fases

Viver no tempo da infância
Brincar com tempo
Pôr a vida em seus pés
Como se fosse bola e bolasse

Viver muito mais entre si
O mundo
A delicadeza de ser criança e deixar as coisas passarem

Viver sem terno
Sem amarras
Sem sandália nos pés
A toa
De bem com tudo o quanto há

Viver
Viver mesmo
É nunca aprender a crescer

Jeovânia P.
É poeta e professora. Formada em Filosofia e Letras Língua Portuguesa pela UFPB, especialista em Educação Interdisciplinar pela UEPB, mestre em Filosofia pela UFPB. Atualmente é aluna especial no programa de doutorado em Letras da UFPB. Em 2016, lançou "Palavras Poéticas" pela editora Ixtlan. Já em 2019, lançou os livros de poesia: "Poeticamente Entre Versos & Bocas", pela editora Ixtlan e "A-M-O-R", pela editora Sangre Editorial, e o livro de contos "Quem abriu a boca da pedra", pela editora popular Vernas Abiertas.

ÓBITO

Um passarinho morto no meio do asfalto
Quem teria matado esse pequeno bichinho?
Atropelamento, não foi. Também não foi tiro
É uma incógnita a morte do pássaro amarelo

Toda tragédia tem um início, meio e fim
Saber a causa do óbito da ave no asfalto
Não seria um consolo, um conforto, não
Mas nos deixaria cientes da causa maior...

Relendo o boletim de ocorrência, acredito
Que a possível causa foi um infarto
Sim, um infarto, não tem outra explicação

Não tem sentido acreditar em atropelo
Pássaros adultos voam com seriedade
E sabem: não usamos carabinas na cidade.

João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

na minha
dramaturgia
não haverá
incêndios nas florestas
e seus olhos serão
telescópios

Lucas Lemos
Lucas Lemos é nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".

CASULOS

A vida nos é dada para sonhar
sentença que não digo por mim
mas me serve para descartar
erros e hábitos do dia a dia

Desempenhamos papel
(muitas vezes exagerado)
de mudos e também de surdos
E não pouco, cerramos os olhos
aos mútuos desagrados
(um cego perdoando outro cego)
Com auxílio dessa regra
deliberada surdo-mudez-miopia
mesmo cara a cara não nos vemos
E com isso perdemos
E como perdemos
Qual de nós se maravilha menos?

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

Dora Robalo
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Dora Robalo (nascida Dörte Felsing), nasceu e foi criada na Alemanha. Depois de estudar psicologia, mudou-se para Portugal e depois Brasil para aprender Português. Em São Paulo, trabalhou como professora de alemão e começou colagens de fotos do Minhocão e sua vizinhança. De volta à Alemanha, continuou a focar na língua portuguesa e começou a fazer trabalhos de tradução. Através de uma viagem às ilhas de Cabo Verde, descobriu o seu amor pelo crioulo e mudou-se em 2010 para a cidade da Praia. Em 2011 voltou para a Alemanha com o marido e trabalhou por vários anos como psicóloga em psiquiatria. Seu coração ainda estava ligado à fotografia e literatura. Em 2017 regressou a Cabo Verde e dedicou-se principalmente à fotografia. Em Abril de 2018 apresentou os primeiros resultados deste período de trabalho em conjunto com o marido no Palácio da Cultura Ildo Lobo, na cidade da Praia, e posteriormente no Hotel VIP Praia, em outubro de 2018. Depois ela mudou-se para Hamburgo e continuou a trabalhar com as suas fotografias atraves da tecnica de collage.

SEU EFEITO

Fui para o futuro
Sei que estou (estava) no passado
No mais-que-perfeito
Então o futuro também já era (é) o pretérito
Mas sempre tem tudo do (no) presente
Você tinha que ir embora
Parecia querer ficar
Então senti o toque de sua alma...
Minh'alma o seguiu sem perguntas
Agora estou no gerúndio...
E no particípio presente
Mas quando não quiser ir embora
E decidir ficar
Eu fico também
Assim poderei reaver o que seu toque levou: minh'alma!
Não ma devolva, porém!
Porque quando não tiver que ir embora
Temos a chance de experimentar tudo
De todos os modos, tempos e aspectos

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
É professor titular da USP, especialista em crítica textual e escreve...

retirar o lixo nos sacos pretos
o que já foi vivo pesa mais
- o saco leve é do reciclável -
limpar a caixa dos gatos
limpar o tapete da sala
limpar o fogão esfregar o banheiro
com aqueles produtos todos
escovar os dentes tomar banho
com aqueles produtos todos
a roupa de cama cheirando
a sol mesmo que o sol não
bata aqui a minha roupa
cheirando a sol mesmo que
o sol não bata aqui. a casa toda
em ordem para receber visita
- ela me disse que é poeta -
a casa inteira cheirando a limpeza
e eu sempre disfarçando o que
apodrece aqui dentro.

por trás das paredes de plástico
deve haver outras por trás do
concreto armado deve haver
ouro por dentro das paredes
quem sabe há esqueletos
esquecidos quem sabe há
tesouros escondidos quem
sabe há somente tijolos
um comprimido por dia
para a vida passar voando
um comprimido por noite
para tentar alcançar o sonho.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

LEITURA III

Não sei se Ivo
viu a uva
eu vi
Chupei-as todas
talvez eu lhe mostre
as sementes que guardei...

Caju no pé
meu olho saliva

Manga tum no telhado
à noite
saboroso fantasma
do outro dia

Mamão de aluvião
mamoeiro balançando
minha boca brilha

E assim vem
e vai o fim do ano...

Mário Cézar Silva Leite
É professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua na Graduação em Letras/Literatura (IL) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-FAC). Fundou e coordena o Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso-RG DICKE (CNPq/UFMT). Doutor em Comunicação e Semiótica, é crítico literário e escritor. Dentre suas publicações destacam-se: Recuerdos de Mi Abuela & Outros Estilhaços em Charla (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2020); Memorial [IN?]Descritivo: auto-ópera-biográfica-burlesca para professores titulares em literatura (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2017); Literatura, Vanguardas e Identidades: as Brenhas do Regionalismo (Cathedral Publicações/Carlini e Caniato Editorial, 2015)

SANTO NEGRO

perdoai-me, Benedito,
bem sei que sou negligente
(está difícil ser gente)
sei que tens muito a olhar
sei que tens tanto a entender
sei que és capaz de me ouvir
no alto da escadaria
dividindo com Maria
o átrio deste Rosário

desculpai-me, Benedito,
se me distraio da prece
mas observar vocês dois
me entristece por demais
(o mundo cão faz de conta
que um negro e uma branca
em toda parte são iguais)

é difícil compreender
a insensatez dos humanos
juntam o negro e a branca
(religião botando banca)
na entrada da igreja
mas na hora da defesa
de alguma cota que seja
dizem ser protecionismo
(não há dívida alguma –
vociferam e esbravejam)

acendo a minha vela
peço-Te que entenda
peço a Ela que interceda
eu só desejo o mesmo
do que tive
do que tenho
a este, àquela,
(a quem quer que seja)

pequena e envergonhada
me desmancho aos Teus pés
(toco da vela queimada)

Marli Walker
É doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT e integra o Coletivo Literário Maria Taquara/Mulherio das Letras - MT. Publicou os livros de poesia “Pó de serra” (2006/2017), “Águas de encantação” (2009), “Apesar do amor” (2016) e o romance “Coração Madeira” (2020).

O REI ESTÁ NU

Tuas palavras
ásperas e laminadas de mentiras
vestem os fatos e os corrompem.
E meu silêncio - escudo de sílabas tortas -
ouve e ignora, és letra morta.
Dou-te as costas, sigo em frente
intuindo o nascedouro da estrela
e não o poente.
Estás só, arrogante e firme
com seus vereditos e infâmias.
Não reverbera teu nome na rua
pois plantaste, com água e adubo,
o grão do esquecimento
e minguará pelos anos a colheita:
palha seca e algum enfastiamento.

AO CABRAL, SEM PLUMAS

Não ter nome ou se chamar Severino
que diferença faz.
Na pia e para o resto da vida
a pedra no sapato
é o sono de não poder acordar
da fome
e do destino de ser mineral.
Não ter o verso bem feito
é o de menos.
Incomodam as verdades que perduram
os erros repetidos
a reiteração da morte em vida.

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

porque tem de vir
tem de soar outra vez por cima dos barulhos

ainda que barulho também

e reconstituir sua aérea arquitetura
reerguer os templos da boca
arrasados como convém mas templos ainda templos
do mais laico amor por
Deus
tão grande tão

que contorna seu Deus no papel e lhe diz
que haja

mover-se (novamente) sobre a face das águas
ainda que águas outras
ainda que outra face a das águas
outras
ainda que pouco se mova.
mover-se novamente sobre a face das águas
não como antes, que a água é outra
outra a face
disseram-nos já

mover-se novamente sobre a face das águas
para que não haja abismo e trevas não haja
mover-se novamente
para que a fonte volte a correr e seus
pedregulhos
sussurrem novamente transparências
sobre a terra arisca e dura, mas fértil ::
um poema pouco mas um poema

Matheus Guménin Barreto (1992)
É poeta e tradutor mato-grossense, um dos editores da revista Ruído Manifesto. É autor dos livros A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017), Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018) e Mesmo que seja noite (Corsário-Satã, 2020). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Leipzig na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg. Teve poemas seus traduzidos para o inglês, o espanhol e o catalão; publicados em revistas no Brasil, na Espanha e em Portugal; e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

minha cidade natal
este deserto
coração em chamas

pela praça, a noite
passa: tatuada, entre nuvens,
a lua na nuca

cabeça grisalha
no espelho a velha
cara canalha

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

DOIS CAPÍTULOS DE “VIRGÍNIA”

“Virgínia”, de Stéfanie Sande, é uma história de amor. Trata-se de uma novela dividida em quatro partes sobre se apaixonar em uma situação atípica, onde duas mulheres, Virgínia e Ariel, navegam pelo tumulto de seus sentimentos uma pela outra. Está disponível em e-book na Amazon pelo link: amzn.to/3nDpCTl

Stéfanie Sande é escritora, mestre e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Colabora regularmente com a Revista Literária Pixé e envia dois capítulos do romance “Virgínia” com exclusividade:

III

Sexta-feira, 14 de fevereiro.

Era meu último final de semana em Cuiabá. Jantava com amigos no meu café favorito quando uma figura familiar entrou acompanhada de um desconhecido. Virgínia. O Metade Cheio estava lotado, mas havia um vão entre as pessoas por onde ela encontrou meu olhar e sorriu com uma expressão surpresa. Encarei o chão por um momento e, levantando, disse ao grupo que voltaria logo.

Antes de me jogar no abraço, reparei no seu aspecto. Não a via há mais de um ano. Um vestido azul celeste estampado com margaridas caia até o joelho. Eram margaridas? Flores brancas. Uma profusão de colares e pochete na cintura. Virgínia transita na linha entre hipster e hippie. Para mim, a estética good vibes era uma tentativa de amenizar o que ela de fato gritava: neurose. Lembrei do dia em que ficamos a sós no carro e, em um tom sorumbático, ela contou do término com a Larissa. A competição é acirrada, mas talvez ela me vença no drama.

Depois de absorver aquela figura que eu não via há tanto tempo, deixei os braços dela me envolverem, mergulhando o rosto no seu pescoço. Ela não me soltou até que eu desse um passo para trás.

— Esse é o Gustavo — ela disse, apontando para o amigo, que cumprimentei com um beijo rápido na bochecha.

Ela então me convidou a sentar. Resgatei minha taça de vinho e sentei. Navegamos pelos assuntos de reintrodução. Digo que estou em Cuiabá desde o natal.

— Tudo isso? — ela disse, fingindo ultraje. — Você chega e não avisa nada.

— Avisar como? Telepatia?

— Sinal de fumaça — Gustavo disse, rindo.

— Só se for.

A Virgínia é péssima com redes sociais. Ou era o que eu achava. Não usa Whatsapp e o Instagram é inativo. Ela então pegou meu celular e adicionou uma conta privada com nome aleatório. Nem sei o que significa. Raposa azul? Não faço ideia. A foto de perfil era um quadro de uma jovem muito parecida com ela, mas que eu não conhecia. Descobri depois ser Portrait of Henriette Sontag (1831), do Paul Delaroche. Agora ambas usávamos o Telegram. O canal de comunicação foi reestabelecido.

O assunto migrou para como ela e o amigo se conheceram. Faculdade de direito, que Virgínia está concluindo. A Virgínia estudar direito é a coisa mais incongruente do universo. Perguntei como ela foi parar nesse curso e ela contou uma longa história. Em nenhum momento disse o porquê. Falamos do meu aniversário recém-feito e de signos. Eu sou de aquário, Virgínia é de escorpião.

— Encontrei uma amiga esses dias e ela me falou de você — Virgínia disse.

— Que amiga?

— A Isabela.

Ah, a Isabela. A mina que eu fiquei na virada do meu aniversário e de novo naquela mesma semana. Ex de uma amiga. Aparentemente, ela e a Virgínia têm laços de infância. Talvez sejam ex. Essa é Cuiabá para você: todos trocaram saliva direta ou indiretamente. Outro detalhe engraçado é que a ex da Virgínia, a Larissa, é melhor amiga da Jéssica, uma outra menina com quem fiquei algumas vezes. E eu conheci a Larissa quando tínhamos 16 anos. Ela agora namora à distância meu melhor amigo. Se você não entendeu esse parágrafo, tudo bem. Cuiabá é assim mesmo.

Fomos para a área externa para que Virgínia pudesse fumar. Relembramos a história de como nos conhecemos.

IV

Nesse dia, não trocamos uma única palavra.

O trajeto até Chapada dos Guimarães dura uma hora. Talvez um pouco mais, dependendo do horário. Paramos no posto de gasolina na saída de Cuiabá para abastecer. Vinte reais para cada e o tanque cheio. Éramos cinco: eu, meu ex-namorado, o proprietário do carro e mais dois amigos. Não conversei muito ao longo do caminho, apreciando a vista dos paredões vermelhos com a bochecha colada no vidro frio.

Chegamos e, desde o início, desconforto. Os nossos anfitriões, amigos desse ex, eram um casal jovem com um bebê de poucos meses. Amores de pessoas, do tipo que conseguem fazer até alguém como eu não se sentir uma intrusa. Almoçamos e tomamos banho em uma das muitas cachoeiras em volta da cidade. Chapada dos Guimarães sugava toda a beleza que Cuiabá tivera em outros tempos — além disso, tinha o clima ameno que os cuiabanos tanto desejavam. Ou que eu desejava, pelo menos. À noite, jantamos, conversamos e, sob a luz de velas, começamos o RPG de mesa que duraria até as primeiras horas da manhã. Era minha primeira vez jogando RPG. Antes da aventura fictícia entrar num caminho sem volta, mais dois jogadores apareceram. Irmãos. Virgínia e Nicolas. Os pais tinham um sítio perto de Chapada.

Lembro bem a primeira impressão que Nicolas me causou: um jovem bonito demais para tanta timidez. O que fazia dele tão bonito? A pele absurdamente lisa com sardas nas bochechas e nariz, cabelos castanhos, alto e doce. Sentou num canto e passou o jogo inteiro com um sorriso desajeitado. Movia-se como se pedisse desculpas pela inconveniência e se divertia com os próprios pensamentos.

Já Virgínia... se sorriu alguma vez, não me lembro. Se ouvi a voz dela esse dia, também não lembro. A única coisa que recordo é ela sentada do outro lado da mesa, uma perna servindo de apoio para o braço, o olhar tão intenso que parecia tramar um homicídio. Talvez fossem os olhos. A luz das velas bruxuleavam em seu rosto e emprestavam ainda mais drama à expressão séria.

Parecia desprezar todos nós.

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

AMANAJÉ

Meus pobres irmãos,
quão triste é sabê-los ...
Dói-me o coração, a voz me cala
diante de tamanho desmazelo
para com sua gente, povo primeiro
destas terras.
Confesso que de onde estou
não posso ouvi-los e nem vê-los :
-lá fora , há algazarras e buzinas de carros
celebrando sabe-se lá o quê ...
porém , posso senti-los
como se guató também eu fora,
ou quem sabe guarani, kadiweu ou índia terena ?
Sou uma auati irmanada com suas dores plenas
impedidos que são de ver nascer da terra a flor
enquanto a pranteiam tal como a mãe que perde um filho
agonizando sem voz, sem verde e sem viço .
Oh, meus irmãos, pobres irmãos!
Aqui, do meu tekoha urbano
também choro por todos vocês,
pelos seus frutos que murcharam antes da colheita,
seus bichos queimados em fogueiras de ambição.
Quero juntar-me à sua triste sina de refazer o canto
dos jaós, das juritis, dos sanhaços e sabiás.
Deixem-me dar- lhes as mãos na travessia
dos muros do impossível .
Oh, meu povo amado!
Até quando nossa dor invisível inda será necessária?
Até quando vão nos mostrar extensas garras de cobiça?
Antes pois que o tempo que a tudo desperdiça,
nos deixe em perpétuo estado de mudez
selemos, meus irmãos, nossa boda imaginária
sob as luzes cintilantes de românticos urissanês

Sylvia Cesco
Nasceu em Campo Grande, MS, em 04/06/1945. Tem formação em Letras, Pedagogia e Psicopedagogia; Especialização em Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade de Taubaté/SP e Pós-Graduação em Educação e Supervisão Escolar pela USP/SP. Professora, também exerceu atividades de gestão pública e privada. É autora e diretora de peças de teatro, elaboradas com textos de poetas regionais, nacionais e internacionais. Letrista de composições gravadas por conhecidos músicos e corais de Campo Grande. Publicou: "Guavira Virou"; "Mulher do Mato"; "Sinhá Rendeira" "Aldravias" (Poesias); "Ave Marias Cheias de Raça" (Contos); "Histórias de Dona Menina" (Literatura infanto-juvenil); "Três poetas, uma via: aldravia; A Glória desta Morena", (Org.), antologia de contos e crônicas de autores de MS, incluindo textos inéditos da profa. Maria da Glória Sá. No prelo, seu livro de crônicas: "Um Palmo e Meio de Proseio". Assumiu a presidência da União Brasileira de Escritores- UBE/MS.

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

O MUNDO É MADRUGADA

Ele tem duas filhas e vende DVD pirata na noite. Ele diz que vende muito e que consegue um bom dinheiro. Ao menos as meninas já têm o uniforme da escola e bebem leite todas as manhãs quando acordam. Ele diz que é feliz, meio feliz, que felicidade inteira é ilusão, não existe, ninguém é. Acha que deveria ter seguido outro caminho, perseguido os sonhos da infância, quando acreditava que seria jogador de futebol. Profissional do Clube de Regatas Flamengo, no estádio do Maracanã, num domingo de jogo, arquibancadas lotadas, a torcida ensandecida gritando seu nome. Um mar de gente. Seria outro se tivesse nascido diferente, era o que o pai dizia. Não tinha mãe. Nasceu de chocadeira, foi encontrado na lixeira do hospital, caiu do pé de jaca, quem sabe, era o que os tios diziam. Esse filme é bom, vai ficar? Logo ele também desperta, os olhos perdem o brilho, balança a cabeça, afasta com um muxoxo seco aquilo que poderia ter sido e não foi. Põe novamente os DVDs na mochila, recolhido em si mesmo, dentro da enormidade da noite. E sorri. Como se não houvesse importância. Ele sai para o mundo vendendo fantasias alheias, e diz que de vez em quando escuta a respiração de Elisa, a mais velha, que dorme no seu lado da cama, perto da mãe, e as risadas de Aline, a menor, correndo para não se banhar, na madrugada lápis-lazúli.

A NOITE É OFERENDA

Pés descalços. Os dedos mal tocam o chão. O corpo flutua, se expande, ocupa os espaços do espaço celeste, infinito. Invade os interiores do interior da noite. Sonâmbula. Gira e roda, roda e gira. Rodopia, volta e gira. O chão se abre. O céu se abre. A noite gira, roda. E rodopia o vestido azul, de algodão, azul, de Oxum, azul, da cor das águas escuras profundas como os olhos da noite. Azul. Da cor das águas escuras profundas formadoras da Terra. Ela gira. O terreiro se alarga, do tamanho do tempo sem tamanho, tão grande quanto as grandezas da grande mãe das águas claras e escuras dos rios que correm pela superfície reluzente dos corpos. Tambores, atabaques. O ritmo das matas ancestrais, arrancado das matas que vem depois dos mares, o ritmo penetra a noite. Ela gira. Ela roda. Rodopia. Pés de dedos tortos, que caminham sobre os caminhos proibidos. Pés pequenos de dedos tortos, no chão de extensões intermináveis, vasto e amplo como os interiores dos céus, das águas, dos terreiros mais antigos que a antiguidade da sabedoria dos espíritos anciãos que perpetuam a perpétua roda dos cantos, que gira dentro da noite, dentro da respiração. E gira e roda, veloz, os pés mal tocam o chão, a terra chia. A noite é imensa. Não cabe dentro da boca aberta dos homens. Ela gira, roda, rodopia. Os olhos faíscam. Nas sombras do terreiro, ele fuma. Ela dança, gira, rodopia. A dança é oferenda. Ele sorri, segura a fumaça na boca. Ela estremece. Ele se excita, ela se excita. E gira, roda, rodopia. Ele fuma. O fumo é oferenda. Ninguém vê, ele está por toda parte. Preenche os sítios vazios, atravessa a penumbra, transporta o fogo das piras, carrega as emanações. Ela gira. Ele está na roda. Ela gira. Os pés mal tocam o chão. Ela gira. Ele se move pelas direções sem direção. Ela gira. A noite é oferenda. Ela para. Um instante. Ela para. Um instante. O ritmo das matas, dos tambores. E volta, roda, rodopia. Os pés não tocam o chão. O corpo se eleva, se transmuta em condição de água. E cobre a noite. As nascentes, as correntes, as correntezas, as cachoeiras. Os morredouros. O corpo se eleva, os pés não tocam o chão. As corredeiras se esparramam pelas matas, pelas serras e morrarias, pelos desertos áridos amarelentos e planícies frias embranquecidas, pelas possessões despovoadas, pelas distâncias, se esparramam pelos terrenos sagrados, pelos domínios ancestrais. Os filhos protegidos cantam. Tambores, batuques. Os filhos cantam as matas. Os filhos cantam cânticos antigos remotos anteriores ao início dos tempos tão velhos e esquecidos, cânticos de êxtases e elevações para os seres supremos, inomináveis, inumanos, imortais. Cânticos dos tambores que penetram a noite que não tem fim. Noite trazida pelas sombras que caminham por debaixo da terra, sombras subterrâneas, que rastejam no núcleo íntimo das rochas, fumegantes, carmesins, de enxofre, morada do cão adorador das fêmeas famintas. Tem asas. Voa. Vence as guerras. Ela gira e roda, e volta, e não toca o chão. Roda, rodopia. Ofegante. O suor lambe o corpo mulato, mestiço, escorre por dentro do vestido azul, azul rodado, que gira e roda suspenso no espaço infinito, sem chão, sem céu, o suor escorre entre os seios morenos fartos, entre as coxas e pernas fartas, lambe o corpo farto, o corpo mulato, mestiço, de cores da noite, dos bichos, da eternidade agregada de todas as idades, da concentração das cores sagradas, das cores profanas. O corpo marcado, suado, farto. O corpo e o vestido e os pés pequenos de dedos tortos que giram dentro da noite, dedos que quase não se vê, que mal tocam o chão, que roda, rodopia. O corpo úmido, a noite fresca, as frestas úmidas, as curvas úmidas, os pelos íntimos. O ventre, as brechas do corpo, as brechas da noite. Os pelos. Os olhos olham, os corpos famintos. Corpos materiais, imateriais, liquefeitos, frescos como a noite. Ela gira, roda e volta e começa outra vez e outra vez e outra vez e gira, roda, rodopia. A fome, os seios, o ventre, os vãos, as curvas, as frestas, os pensamentos íntimos, os pensamentos úmidos. Os lábios, os seios, a boca aberta, ofegante, os pés giram, ela rodopia e sufoca. O corpo farto, o cansaço, o tombo, a queda. Ofegante, extenuada, consumida, transmutada, elevada, transcendida. O espaço interior profundo e infinito de dentro de si. Além do tempo, fora do tempo. Anterior ao tempo e até o fim.

A TRAGÉDIA DE MARIA E A ÓPERA BUFA

Num sete de setembro de um ano que não começou de fato, os dragões da independência marcham, ombro a ombro, ostentando todo o aparato de seus ricos uniformes: dragonas, espadas reluzentes e penachos coloridos.

No palanque, autoridades da república acompanhados de suas matronas dirigem ao povo um palavrório oco - discursos retóricos; inúteis para um público carente de tudo: saúde, segurança, emprego, educação de qualidade e justiça.

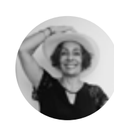
E lá está Maria, indigente de esperança, acompanhando os desfiles em bloco. O marido foi despedido pela empresa que faliu, atropelada pela pandemia. Mudaram-se para o entorno de Brasília para reduzir as despesas com moradia mas, sem o salário do varão, precisam fazer biscates para alimentar a filha especial.

Melancólica, ela vê graduados empunhando a bandeira - o verde tremeluzente ofuscado pela fumaça cinzenta que mancha o céu da floresta e do cerrado.

Agoniada, tenta render-se ao surto de patriotismo que assola a plateia - arrebatada pela imagem do mandatário da nação desfilando em carro aberto - a faixa presidencial atravessada no peito; a expressão solene e o sorriso tranquilo dos bem-nutridos.

Desolada e faminta, Maria se esgueira pelo eixo monumental até a Passarela dos Poderes, protegida pela invisibilidade social que a todos enfeitiça, e aproveitando o ensejo do setembro amarelo, estanca a sua dor sangrando os pulsos, com a ajuda de um cutelo.

E ali jaz Maria - a excluída, esvaindo-se em sangue no chão de Brasília.



Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

Wuldson Marcelo
É corintiano apaixonado por literatura e cinema. Possui mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea e graduação em Filosofia (ambos pela UFMT). É autor dos livros de contos "Subterfúgios urbanos" (2013, Editora Multifoco: RJ), "Obscuro-shi: contos e desencontros em qualquer cidade" (2016, Carlini e Caniato: MT) e do infanto-juvenil "As luzes que atravessam o pomar e outros contos" (2018, Carlini e Caniato: MT). Escreveu e dirigiu os curtas-metragens "Se acaso a tempestade fosse nossa amiga, eu me casaria com você" (2015) e "A garota que existiu dentro de um mistério" (em pós-produção). É editor da revista virtual Ruído Manifesto.

TODOS QUEREM A CABEÇA DO COMPADRE MATIAS REIS

1. Gritos de horror

Hotel Paraíso. Três e trinta e oito da tarde. "Compadre" Matias Reis está no saguão. Vicente "Cara-de-Cão" Lopes sai do elevador em direção à porta giratória. Matias Reis alveja o agiota e seus dois seguranças. Tiros certeiros, cabeças e peitos atingidos com precisão. Três contraventores a menos, dirá amanhã o repórter do programa policial. Matias Reis em disparada pela metrópole cinzenta. No saguão do hotel, gritos de medo ecoam pela tarde manchada de sangue. Matias Reis, já sereno, guia seu automóvel com perícia sobrenatural.

2. Sinal fechado

Cena 1 - Externa - Tarde de um dia da semana na metrópole cinzenta - Trânsito (sinal vermelho).

Matias Reis em seu automóvel manuseia um CD (rosto transparece paz de espírito).

Sinal verde. "Compadre" Matias Reis avança pela avenida. Uma bala calibre 38 estraçalha o vidro do seu automóvel. O Civic encontra o poste pela frente. Um corte superficial no supercílio do olho esquerdo. O atirador oculto dispara novamente. A bala penetra no ombro esquerdo de uma moça loira que passava. A transeunte despenca no chão enquanto Matias Reis escapa por uma Pet Shop. Ileso e confuso. "Querem me matar? O Dr. Palácios vai ter que me proteger."

Fade Out.

3. Descoberta insólita, mas previsível

Matias Reis telefona para Helena Cruz, a intermediária.

- Helena querem me apagar. Eu completei o serviço. Eliminei o delator. Aquele não canta mais. Na saída, um puto tentou me matar.

- Eu sei.

- Sabe? Como?

- Foi o Dr. Palácios.

- Como assim? O chefe quer me matar? O que? Queima de arquivo?

- Sim. Você matou o homem que sabia os segredos do Dr. Palácios antes que ele pudesse fechar o acordo com a polícia, certo? Então, o seu principal assassino passa a ser agora o seu principal problema.

- Por que está me contando isso? Por que me ajudar?

- Ajudar? Não! Somente estou avisando. Morrer ignorando a causa da morte deve ser como morrer igual a um animal sendo abatido sem defesa. Não me procure!

4. Morte por encomenda

Matias procura a ex-esposa. Fica sabendo que não terá auxílio. Ela o odeia. Tem suas razões. Viviane era uma mulher voluptuosa, que agora coleciona amarguras e raiva. Matias Reis casou-se com ela para desfilar uma morena de olhos castanhos claros e seios fartos. Nos outros momentos da união conjugal, mostrou-se infiel e violento. Matias Reis tenta dialogar. Não há acordo. Ela somente recomenda-lhe cuidado. Viviane contratou um assassino profissional para exterminá-lo. Joga-lhe a confissão no rosto, com coragem, apesar de temer o matador com o qual compartilhou alguns anos da vida. O sangue de Matias ferve. O revólver chega a ser tateado. Mas, ele se contém, porém esbofeteia Viviane. Matias parte planejando voltar logo para acertar as contas. A mulher fica sentada no chão, esboça um sorriso, pensa que está é a última vez que o desgraçado a toca.

5. Jornada de sangue

Dr. Palácios mandou matar Tião Bicho-Grilo. O tal Tião era o melhor amigo de Matias Reis. Esse tal Bicho-Grilo agia como se fosse um samurai hippie ou um hippie samurai. Aquele tal Tião era mortífero. Morreu almoçando, antes do assassinato do agiota Vicente "Cara-de-Cão" Lopes. O executor de Tião Bicho-Grilo apagou também a filhinha deste sem piedade ou remorso. Serviço, afinal, é serviço. Não tem aparência ou história. Luana, a filhinha do samurai hippie, era afilhada de Matias Reis. O mortífero Tião foi morto almoçando com a filha. O Dr. Palácios sabia que assim que "Bicho Grilo" soubesse da ordem de execução sumária contra Matias viria à procura dele para acertar as contas. Amizade é amizade. Vingança foi o desejo do "Compadre" assim que soube dos assassinatos.

6. Notícias de Jornal

"Um dia violento na metrópole".
"Quinze assassinatos registrados pela polícia".
"Crimes bárbaros aterrorizam os cidadãos de bem".
"A criminalidade é a vergonha nacional".
"ONU denuncia a ineficiência da prevenção à violência no Brasil".
"Morreu hoje o temido agiota e notório sanguinário 'Cara-de-Cão'".

7. Um a menos

No bar da avenida central, Matias Reis encontra o matador de aluguel que está a serviço de Viviane. O sujeito é amador. Dá várias indicações que o segue e vigia. Observa Matias de muito perto e um copo de uísque na mão, que quase não bebe. Quando percebido pelo seu alvo, tenta disfarçar. Mas já é tarde. "Compadre" vai ao banheiro, o assassino profissional o segue, ainda sem nenhum cuidado. Matias entra e se esconde de imediato atrás da porta. O homem aparece em seguida e Matias, após uma luta rápida, mata-o com o seu próprio revólver. Um ceifador de vidas a menos. Depois resolvo a traição de Viviane, pensa o especialista em enviar existências para o inferno.

8. A morte ingênua de um suposto matador tarimbado

Como Matias planeja a vingança das mortes de seu melhor e único amigo e de sua doce e querida afilhada Luana? Ele não tem nenhum plano, somente o desejo. Na sua mansão, o Dr. Palácios é inacessível. Ele possui quarenta e sete capangas e um sistema de segurança impenetrável. Invadir é pedir para morrer. Não tem como driblar os alarmes e câmeras instaladas pela residência. Então, Matias decide por aquilo que mais abomina, a delação. Vai à delegacia procurar o Vieira, o ícone da justiça legal e da intolerância à corrupção. Ao entrar Matias pergunta pelo delegado, se identifica e é detido com truculência, o que o deixa com vários hematomas. Algo que seu corpo desconhece desde que aprendeu a puxar um gatilho. O delegado Vieira chega para abrandar a situação. Vieira é um modelo de força moral, um incorruptível agente da lei. Propina para ele é como um hóspede indesejado, deixou ficar se instala para sempre. O depoimento de Matias é tenso. Ele confessa seu crime no Hotel Paraíso. Dr. Palácios vai cair, o matador tem certeza. O "Compadre" será testemunha no processo contra o maior mafioso da metrópole cinzenta. O delegado Vieira sugere que Matias entre em contato com um advogado. O escrivão saí para buscar um telefone. Vieira chama dois policiais que levam Matias, que resiste apesar da incompreensão, para uma cela onde havia um único detento, que recebe um estilete de um dos homens da lei. O prisioneiro começa uma discussão com Matias, diz que é do conhecimento de todos que ele, Juarez "Mil Moedinhas", mantinha um caso com Tião Bicho-Grilo e que esse lunático do Tião é mesmo um pederasta. Matias dá um soco no homem e o preso revida com uma perfuração no estômago do "Compadre" e, em seguida, com outra no pescoço. O Vieira sempre soube proteger o seu compadre Palácios. Em menos de dois minutos, Matias Reis está morto. Um danado a menos nesse mundo.

9. Notícia de jornal

"A polícia em uma operação muito bem executada prendeu de madrugada o matador do Hotel Paraíso. Porém, na cela, em uma discussão com um dos presos, o assassino Matias Reis, conhecido pela alcunha de 'Compadre', foi esfaqueado e faleceu minutos depois na enfermaria do 38º Distrito Policial. O delegado Altemar Vieira, responsável pela prisão, lamenta a fatalidade".

10. Sorrisos

No dia seguinte, Dr. Palácios bebe vinho francês com amigos políticos e alguns fazendeiros. Viviane respira aliviada, porque pode viver agora uma existência que não está em suspense por causa do medo. Helena Cruz é a única pessoa que comparece ao enterro de Matias Reis. Ela considera a morte fascinante. Helena julga que Matias Reis não morreu como um animal, pois, decerto, no instante em que o estilete penetrou em sua carne, tudo ficou claro para ele.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

TETÉSU, A JARARAQUINHA-DORMIDEIRA

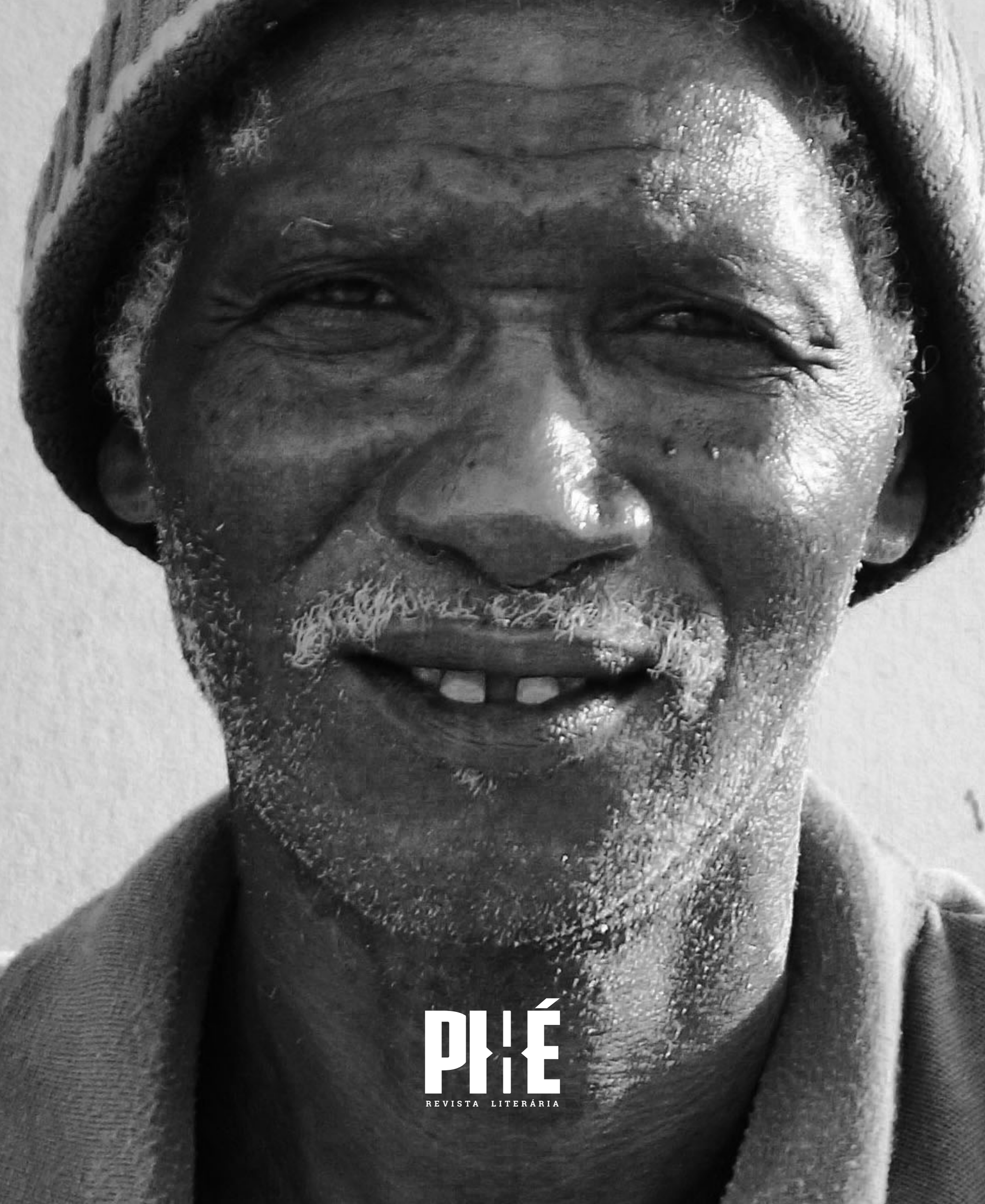
No tempo de antigamente, as gentes do povo Nambiquara não conheciam o sono. Não dormiam de jeito nenhum. Dia e noite acordados. Crianças, jovens, adultos, velhos. Homens. Mulheres. Sempre acordados. Curiosos, foram visitar a jararaquinha-dormideira do cerrado, a dona do sono, para ensinar como dormir.

Não quiseram entrar na casa de Tetésu, a jararaquinha-dormideira e, do lado de fora, gritaram muitas vezes seu nome, até que acordasse. A algazarra interrompeu o sono da serpente que, ao contrário de suas peçonhentas primas jararaca e jararacuçu, era tão dócil. Ainda sonolenta, saiu de sua casa para ver o que estava acontecendo.

Os homens explicaram à jararaquinha-peçonhenta que gostariam de conhecer o sono. Queriam dormir como ela. Queriam sonhar. A serpente prontamente se dispôs a ensinar seu segredo. Antes, a jararaquinha-dormideira do cerrado alertou os homens que ao dormirem, sonhariam. E que sonhos contam história boas e tristes. Assim mesmo, não desistiram. Queriam aprender a dormir para sonhar.

Em uma panelinha de barro acinzentado, Tetésu cozinhou sementes de urucum, até virar uma pasta bem cheirosa. Depois misturou cera. Aquela poção mágica faria o povo Nambiquara dormir. Aconselhou os homens a não passarem a pasta amarelada durante o caminho de volta, porque poderiam dormir antes de chegar à aldeia.

Desconfiados, obedeceram. Na aldeia mostraram a todo mundo o presente da jararaquinha-dormideira e esperaram à noite chegar para passar ao redor dos olhos. Aquela noite foi silenciosa. Nada se ouviu. Com os olhos besuntados dormiram. Sonharam. E nunca mais esqueceram de Tetésu por conta da remela nos olhos, ao acordar, lembrando da pasta mágica da amiga serpente.



PIÉ

REVISTA LITERÁRIA